

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

22 de Dezembro de 2022

LUZES E SOMBRAS – REPRESENTAÇÕES DA IDADE MÉDIA NO CINEMA

MIRCEA / 1989

Um filme de Sergiu Nicolaescu

Argumento: Titus Popovic / *Diretores de fotografia (35 mm, cor):* Nicolae Girardi, Alexandru Groza / *Efeitos especiais:* Petre Constantinu, Gelu Patrinceanu, Ion Tiberiu / *Cenários:* Stefan Antonescu / *Figurinos:* Gabriela Nicoleascu / *Música:* Adrian Enesco / *Montagem:* Maria Neagu / *Som:* Anusavian Salamanian / *Interpretação:* Sergiu Nicolaescu (*rei Mircea*), Vlad Nemes (*Vlad Tepes, o neto de Mircea*), Serban Ionesco (*príncipe Mihail, filho de Mircea*), Adrian Pintea (*Vlad Dracul, pai de Vlad o Empalador*), Ion Besoiu (*o emissário do imperador Sigismundo*), Ion Ritiu (*o sultão Vlad Nemes (Vlad Tepes, o neto de Mircea), Baiazid*), George Alexandru (*o sultão Mehmet*), Iona Pavelescu (*Elisaveta, a consorte do Príncipe Mihail*) e outros.

Produção: Casa de Film Cinci e România Film (Bucareste) / *Cópia:* dcp (transcrito do original em 35 mm), versão original com legendagem eletrónica em português / *Duração:* 137 minutos / *Estreia mundial:* 17 de Novembro de 1989 / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Ator e realizador, Sergiu Nicoleascu (1930-2013) assinou um total de vinte e cinco filmes de ficção, além de curtas-metragens e episódios de séries de televisão e foi uma das figuras mais conhecidas e populares do cinema romeno da sua geração e possivelmente um dos seus *players* mais poderosos. Nicoleascu também trabalhou em diversas co-produções internacionais, nomeadamente com as televisões francesa e alemã. Começou por realizar documentários (“*que foram catalogados pelos «Cahiers du Cinéma» como pertencendo à escola simbolista*”, conta ele numa entrevista de 2002 a *Séquences*) e estreou-se nas longas-metragens de ficção em 1966 com **Daci** (“**Os Guerreiros**”), co-produzido com a França. Na citada entrevista ele afirma que “*ao começar a fazer filmes de ficção criei uma pequena revolução no cinema romeno, no domínio da realização. Privilegiei o ritmo, tornando-o mais americano, não para imitar, mas para dar vida a um cinema demasiado solene*”, devido à emulação de um certo cinema soviético. O *BFI Companion to Eastern European and Russia Cinema* (2000), descreve **Daci** como “*uma reinterpretação mítica da História romena, que consiste numa mistura dos povos Romanos e Dácios há dois mil anos, ao passo que Mihai Viteazul/ “Mihai, o Bravo” (1971), conhecido internacionalmente como The Last Crusade glorifica a luta pela unidade romena no século XVI. Estes dois filmes, nos quais ele também aparece como ator, estiveram na origem de um surto emocional de nacionalismo na Roménia*”. Nicolaescu também abordou outros géneros, *thrillers*, comédias, dramas contemporâneos e filmes de aventuras. A título de exemplo, a publicação do BFI (British Film Institute) descreve **Revensa** (“**Vingança**”) de 1978, “*como um típico thriller contemporâneo, narrado num ritmo rápido, no qual Nicoleascu encarna um indestrutível chefe de polícia às voltas com tiroteios e uma trama narrativa pouco verosímil*”.

Mircea, a sua décima-sexta longa-metragem, situa-se em inícios do século XV e data de 1989, o ano em que o comunismo desmoronou na Europa. O filme, no qual Nicoleascu desempenha o papel-titular, teria desagradado a Nicolae Ceaucescu, já na sua fase de delírio final, mas foi distribuído a 17 de Novembro daquele ano, cinco semanas antes da fuga do ditador e da sua mulher de helicóptero, diante de uma multidão irada às portas do palácio presidencial e a execução sumária de ambos, talvez o único desenlace possível, setenta e duas horas depois, no dia de Natal. A seguir à queda do regime, Nicoleascu, que era uma figura popular, adaptou-se rapidamente à nova situação. Teve o pragmatismo de incitar os seus compatriotas a apoiarem aqueles que tinham tomado o poder (de cujo círculo já faziam parte) e tornou-se Senador, sem deixar de realizar filmes até o ano que precedeu a sua morte, num total de dez. Alguns suscitaram polémicas, como **Oglinda** (“**O Espelho**”), também conhecido como

Începutul adevarului (“**O Começo da Verdade**”), de 1994, considerado favorável ao ditador Ion Antonescu, aliado do regime nazi, que seria executado em 1946 (a maneira como o próprio Hitler foi representado neste filme, aparentemente como um indivíduo calmo e temperado, também levantou polémicas).

Mircea demonstra o alto grau de profissionalismo que se pode esperar de um realizador tão experiente e que tinha realizado mais de um filme situado no passado mítico-histórico do seu país. O argumento é bem construído e os cento e trinta e cinco minutos da narrativa não são excessivos, na medida em que não há “tempos mortos”, quedas de tensão. Os factos narrados, sem dúvida fortemente tingidos de elementos míticos (mas a História é um compósito de factos e mitos), são certamente familiares aos romenos, mas um espectador que tudo ignora da história da região contempla o que se passa como se fosse tirado de um romance, como se se tratasse de **Ivanhoe** ou **Robin Hood**. O cinema forjou boa parte do nosso imaginário em relação à Idade Média, cuja representação nunca suscitou rejeição, por mais sumária que pudesse parecer a um entendido, ao passo que a representação cinematográfica da Antiguidade grega ou romana sempre suscitou merecidos sorrisos, para não mencionarmos a iconografia cinematográfica relativa à Bíblia. O personagem-titular do filme de Nicolaescu é um herói superior, infalível e quase imortal (para quem acompanhou este ciclo: nem mais nem menos do que o Saladino de Youssef Chahine ou o Cid Campeador de Hollywood), como pode verificar o espectador no desenlace, mas não é pétreo como tantos heróis do cinema soviético de outros tempos, que terão tido reflexos em filmes dos países-satélites. É verdade que ao dizer que “*quem não estiver comigo está contra o país*” Mircea enuncia uma pequena variante de uma das mais famosas frases de Estaline (“*quem não estiver conosco está contra nós*”), mas isto não altera as tonalidades que marcam a personalidade do personagem, mostrado como um guerreiro incomparável, porém apenas para defender os seus, não para oprimir os vizinhos. Por outro lado, não estamos em momento algum no domínio do entretenimento, como no cinema americano ou dele derivado: não há intrigas sentimentais secundárias, por exemplo, nem festas na corte e a relação de Mircea com o seu neto situa-se sobretudo no domínio da formação de um futuro rei, no aprendizado do poder. Não estamos tão pouco numa moderna lição de História, que teria forçosamente algo de crítico: o filme parece corroborar uma *imagerie* oficial, como quase todos os filmes de ficção sobre episódios históricos reais.

Do ponto de vista da *mise en scène* as diversas cenas de batalha mostram o profissionalismo do realizador e dos seus técnicos. Há combates diurnos e noturnos, com os seus efeitos visuais contrastantes e Nicolaescu filma todas as batalhas como autênticas coreografias, com magníficas cargas de cavalaria e varia com mestria os ângulos e a escala de planos, passando com fluidez de planos de conjunto a planos médios, de planos aéreos, filmados em balão, a contrapicados em planos médios, indo do geral ao individual de modo quase musical (e a propósito de música: aquela que acompanha o início da primeira batalha parece um deliberado pastiche, talvez numa piscadela de olho, do tema inicial que Prokofiev escreveu para a celeberrima batalha no gelo de **Alexandre Nevsky**, um dos grandes clássicos de sempre sobre a Idade Média). O desenlace tem lugar precisamente no limiar de uma batalha que acaba por não ter lugar, pois a simples presença do ressuscitado Mircea é suficiente para que os seus inimigos desistam do combate. No plano final, um contrapicado do rosto do herói em cima do seu cavalo, passamos do geral, o campo de batalha, para o particular, a figura do herói mítico que nunca falta à História de nenhum país.

Antonio Rodrigues